



Não perca tempo

Acesse tudo o que você precisa saber sobre empresas da B3 em um só lugar! Dados financeiros, indicadores, notícias exclusivas e gráficos precisos - tudo para ajudar você a tomar decisões informadas de investimento.

Comece já! →

PUBLICIDADE

RB SEC muda de nome e se prepara para oferecer novos produtos

Opea estruturou a área de securitização para trabalhar com produtos de outros créditos

Por Juliana Schincariol — Do Rio

11/10/2021 05h01 · Atualizado há um ano



Flávia Palacios: 'O mercado de securitização está se abrindo muito mais' — Foto: Divulgação

Seis meses depois de ter se separado da RB Capital, a RC SEC lança sua nova marca, a Opea, e se prepara para oferecer novos produtos e serviços no mercado. No ano passado, a empresa foi adquirida por um fundo patrocinado pela Jaguar Growth Partners, gestora americana de private equity. Em 2021, até o momento, a Opea tem mais de R\$ 12 bilhões em operações de certificados de recebíveis imobiliários e do agronegócio (CRI e CRA), além de debêntures financeiras, já emitidas ou em estruturação, no que deve ser o melhor ano de sua história até o momento. Para 2022, a intenção é de pelo menos dobrar este número, segundo sua presidente, Flávia Palacios.

“Já conseguimos ampliar o leque [de produtos e serviços] que tínhamos. O mercado de securitização está se abrindo muito mais”, disse a executiva em entrevista ao **Valor**. Até então, a RC SEC tinha foco especialmente em CRIs e CRAs majoritariamente originados pela RC Capital. Agora, a securitizadora tem a chance de se conectar com vários originadores e escrituradores do mercado.

Entre as mudanças já implementadas, a Opea estruturou a área de securitização para trabalhar com produtos de outros créditos, caso de debêntures ou fundos de investimento de direitos creditórios (FIDCs). Também passou a olhar para todo tipo de crédito, como os originados por fintechs, consignado, veículos ou cartões, por exemplo.

Atualmente, há um trabalho da securitizadora com possíveis parceiros para que seja uma plataforma aberta. “Ainda não temos no mercado o que chamamos de ‘securitizadora as a service’. Na prática, cada operação é artesanal, do zero. Queremos

que seja feita de forma padronizada, para que [o processo] seja mais ágil”, diz a executiva. Outro foco é o investidor estrangeiro, que demanda, de forma ainda mais rigorosa, uma gestão operacional, monitoramento de recebíveis, garantias e convenants, além de relatórios mais completos. Há, ainda, um foco em inovação, em parceria com terceiros.

Quando há a emissão de um CRI, por exemplo, a securitizadora é a responsável por todos os lastros e garantias da operação. Ela fica a cargo da cobrança do crédito e da validação do recebimento, assim como a precificação do título, monitoramento dos contratos e garantias.

Na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) está em andamento uma audiência pública para a criação de uma regra específica para as securitizadoras. Atualmente, elas devem seguir regras de companhias abertas. O regulador recebeu comentários do mercado, que estão sob análise.

“Muitas das demandas pela qualidade de serviço vieram depois que o mercado de investidores, especialmente de investidores profissionais, como gestores, começou a crescer muito”, afirma Palacios. Produtos entrantes no mercado, como o CRA em dólar e o Fundo de Investimentos nas Cadeias Produtivas do Agronegócio (Fiagro), também vão aumentar a demanda por serviços de securitização.

Ao mesmo tempo, o mercado aguarda alterações legais, que vão possibilitar a emissão de outros títulos, como recebíveis de energia ou de saneamento. A Opea já tem R\$ 7,2 bilhões em títulos emitidos, e há outras operações em estruturação que somam cerca de R\$ 5 bilhões. “Este ano vai ultrapassar todos os outros anos. A pandemia não acabou, mas o mercado de securitização está muito ativo”, diz Palacios.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Celulares não vendidos e nunca usados são quase doados

LOTE DE ELETRÔNICOS

Saiba mais